

Mulheres com a boca no trombone: um estudo sobre gênero e instrumento musical

Comunicação

GTE 15 – Gênero e Sexualidade na Educação Musical

Ellen Lisboa

*Universidade Federal da Paraíba
ellenmari34@gmail.com*

Maura Penna

*Universidade Federal da Paraíba
maurapenna@gmail.com*

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados de um Trabalho de Conclusão de Curso que teve como objetivo investigar os percursos de formação de mulheres trombonistas em cursos superiores de música dentro de uma universidade do Nordeste (Lisboa, 2024). Para tanto, foram entrevistadas duas mulheres trombonistas, uma egressa e outra estudante da licenciatura em música de uma universidade do Nordeste. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se duas entrevistas narrativas. A primeira entrevista baseou-se em uma questão norteadora de caráter amplo. Já a segunda, retomava e aprofundava alguns pontos revelados pelas entrevistadas em seus depoimentos iniciais. A análise final foi construída por meio do entrecruzamento dos relatos dessas trombonistas em diálogo com pesquisas das áreas de Música e estudos de gênero. Conclui-se que os percursos de formação musical de mulheres trombonistas, embora bastante diversos, podem ser marcados por desafios de gênero que envolvem o machismo, assédio, desvalorização e preconceito.

Palavras-chave: mulheres trombonistas; percursos de formação musical; educação musical.

Introdução

O trombone vem se consolidando como instrumento musical no ensino superior brasileiro. Entretanto, trata-se de um instrumento bastante masculinizado. Com base em minha experiência, pude notar, quando iniciei em bandas escolares, o preconceito que envolve alguns instrumentos, classificados como masculinos. Levando em consideração apenas o esforço necessário para tocá-lo, dava-se a entender que mulheres não teriam capacidade de sustentar ou tocar esse instrumento com qualidade, e ao mesmo nível que os homens. Essas experiências me motivaram a desenvolver meu TCC do curso de licenciatura

em música.

É importante abordar como a percepção de gênero pode afetar injustamente a avaliação da performance musical, particularmente no que diz respeito à qualidade e afinação da execução de um instrumento. Com frequência, as mulheres estão associadas a instrumentos considerados “delicados” e “pequenos”, considerados mais “apropriados” para elas, devido ao seu som mais agudo e menor peso. Em contrapartida, instrumentos de grande porte não são tradicionalmente destinados a mulheres, o que pode resultar em preconceitos e injustiças na avaliação de seu desempenho musical. Essas percepções de gênero podem criar desafios e barreiras para as musicistas e merecem ser questionadas e superadas.

A desigualdade de gênero nos instrumentos musicais é um aspecto relevante, especialmente quando observamos a discrepância entre o número de homens e mulheres em diversas áreas musicais, com foco principal em instituições de ensino superior, como o curso de música de uma universidade do Nordeste, aqui denominada UFX. Ao analisar a matrícula nesse curso, podemos notar uma disparidade significativa entre o número de alunos do gênero masculino e do sexo feminino. É alarmante notar que, nos últimos cinco anos, não houve formação de nenhuma mulher trombonista na instituição. Isso levanta questões importantes sobre a igualdade de oportunidades, o acesso e o apoio às mulheres em áreas historicamente dominadas por homens, destacando a necessidade de abordar e discutir essa desigualdade de gênero.

Com base nessas questões, adotamos o seguinte **problema de pesquisa**: quais as experiências e percursos formativos de mulheres trombonistas egressas ou estudantes da UFX? Esse problema de pesquisa foi desdobrado nos seguintes **objetivos**: analisar o percurso de formação musical de mulheres trombonistas; compreender as expectativas que levaram essas mulheres a ingressarem no ensino superior; identificar as possíveis dificuldades nos percursos formativos relatados por essas musicistas; discutir a inserção da mulher no trombone, considerando o contexto do curso superior em música da UFX.

Quando comecei a tocar, não encontrava outras mulheres no trombone. Já enquanto estudante do curso de licenciatura em música da UFPB, percebia ali também a pouca inserção da mulher trombonista. De acordo com informações do coordenador desta licenciatura, no momento da pesquisa, estavam matriculadas 20 estudantes deste

instrumento, sendo 17 homens e três mulheres. Isso evidencia a disparidade de gênero no instrumento trombone.

Além disso, o meu interesse pelo assunto “mulheres trombonistas no ensino superior em música” vem de minha percepção sobre a grande escassez de trabalhos sobre este tema, razões que me motivaram apresentar este trabalho.

Deste modo, apresentamos nesta comunicação uma revisão bibliográfica que trata da inserção das mulheres nos cursos superiores em música, o encaminhamento metodológico da pesquisa, bem como os resultados e a análise do estudo. Por fim, trazemos nossas considerações finais.

Inserção das mulheres nos cursos superiores em música

As mulheres enfrentam diversos desafios e dilemas no que diz respeito ao gênero e à participação e reconhecimento no campo da música. Fontes (2019, p. 16) aponta que “diversos autores discutem sobre o conceito de gênero que, para alguns, está além da definição mais tradicional de papéis sexuais e sim como uma questão cultural”. Esse assunto levanta algumas discordâncias, já que muitos acreditam que mulheres só não fazem algo porque simplesmente não querem. Muitas vezes, não conseguem oportunidade e não são levadas a sério em suas escolhas.

Segundo Carneiro (1993, p. 9), as mulheres são vistas como inferiores pela sociedade e isso é justificado por aspectos não só biológicos, mas religiosos e culturais:

Portanto, seja uma visão biológica, que define a mulher como inferior ao homem do ponto de vista da força física, seja numa visão religiosa que identifica a mulher como subproduto do homem; já que foi construída da costela de Adão; seja do ponto de vista cultural, que define um campo específico para a atividade feminina, e outro privilegiado para a atividade masculina, todos esses argumentos, na maioria pseudo-científicos, prestam-se a construir uma identidade negativa para a mulher, e assim justificar os diversos níveis de subordinação e opressão a que as mulheres estão submetidas e promover, nelas, a aceitação de um papel subordinado socialmente (Carneiro, 1993, p. 9).

Desta maneira, várias perspectivas são historicamente empregadas para justificar a subordinação das mulheres na sociedade. Três abordagens principais colocadas em pauta são: biológica, religiosa e cultural. Na visão biológica, a mulher é considerada inferior ao

homem devido a supostas diferenças na força física entre ambos os sexos. Isso implica que as mulheres seriam naturalmente menos capazes ou adequadas para determinadas atividades ou posições na sociedade, reforçando uma hierarquia de gênero baseada em características físicas e promovendo a ideia de superioridade masculina devido à capacidade de suportar mais peso (Fontes, 2019, p. 18-19).

Nesse sentido, Giustina (2017, p. 43) aponta que a sociedade valoriza mais a capacidade masculina relacionada à força e que questões biológicas muitas vezes orientam a escolha do instrumento musical. Dessa maneira, o autor aponta que as mulheres escolhem instrumentos mais leves e que essas relações de dominação históricas são reforçadas pela sociedade. Nessa perspectiva, o corpo feminino – em uma visão social equivocada, consciente ou não – seria adequado para instrumentos médios e delicados.

A respeito do ensino de música em bandas marciais, Fontes (2019, p. 46) salienta que a sexualização dos instrumentos musicais está presente no discurso de seus alunos: “‘Quero tocar instrumento de homem, prato é para mulherzinha’. E, também, comentários de meninas que diziam que era melhor participar do corpo coreográfico, porque instrumento é para menino”. Nesta direção, Giustina (2017, p. 110-111) destaca aspectos centrais da divisão dos instrumentos musicais, como os fatores sociológicos e históricos, assim como os aspectos corpóreos.

Por sua vez, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012, p. 18) propõe que a dominação masculina é incorporada e naturalizada inconscientemente, muitas vezes sem justificativas. E isso faz com que a sociedade classifique as pessoas e suas atividades e trabalho por questões do corpo. Nesta direção, Martí (1999, p. 30) aponta que nossas práticas musicais acabam reforçando algumas concepções sexistas e que as diferenciações entre sexo feminino e masculino são construções sociais. Deste modo, Giustina (2017, p. 7) ressalta que “desde cedo aprendemos a distinguir o mundo entre coisas para meninos e coisas para meninas. E a música, ou melhor, o fazer musical não foge a essa distinção”.

A dominação masculina é um processo histórico (Oliveira, 2012, p. 4). Dessa maneira, Fontes (2019, p. 22) aponta que “a dominação do homem era evidente, pois a mulher se resguardava em sua casa e com isso criava uma imagem da mulher que até hoje passeia nas mentes de muitos: o famoso jargão ‘sexo frágil’”. Além disso, a sexualidade dentro de pesquisas é um assunto que possui um certo receio para ser discutido, fazendo parecer que,

a partir do momento que este assunto não é tratado, não exista essa questão em nossas vidas e no cotidiano dentro de uma sociedade (Louro, 2004, p. 4).

Além da masculinização, as mulheres podem enfrentar diversos desafios quando ingressam em um curso superior de música – como situações de assédio ou “piadas” de gênero. Por exemplo: “Instrumento de metal é muito pesado pra guria, não é um instrumento muito delicado pra uma mulher” [...] “nossa você toca bem pra uma guria” (Ghisleni; Mota, 2020, p. 8).

Partindo destas discussões, detalharemos a seguir a metodologia que norteia nosso trabalho sobre o percurso de mulheres trombonistas.

Metodologia

Este trabalho foi realizado com base nos princípios da pesquisa qualitativa, que se caracteriza por ter o foco na compreensão de determinado assunto, em vez de tentar comprová-lo (Penna, 2015, p. 102). Como instrumentos de coleta de dados, foram realizadas entrevistas narrativas de caráter autobiográfico, de modo a obter um relato das experiências das entrevistadas. Segundo Penna e Silva (2025, p. 15), as entrevistas narrativas são descrições que possuem vínculo com a memória e as experiências pessoais.

Foram realizadas entrevistas narrativas com duas trombonistas de um curso superior de música do Nordeste, sendo uma delas uma estudante matriculada no curso e a outra uma ex-aluna, já graduada. Isso permitiu obter perspectivas tanto de alguém que está atualmente no programa, como de alguém que já passou por ele, enriquecendo a pesquisa com experiências e visões diversas. As entrevistas narrativas foram conduzidas com base na seguinte questão norteadora: *“Eu gostaria que você me contasse a respeito de sua história dentro da música. Relate como foi o seu primeiro contato com a música e o trombone, o seu percurso e suas experiências musicais. Como foi sua relação com a música e o trombone desde a infância até o ensino superior. Sem pressa e com detalhes. Tudo que for importante para você será importante para mim”*.

Após a transcrição¹ de seus relatos iniciais, realizamos uma segunda etapa da entrevista narrativa, com vista a esclarecer e aprofundar pontos elencados pelas

¹ As transcrições foram realizadas pessoalmente utilizando o site “Riverside”, disponível em: <https://riverside.fm/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

participantes nas primeiras narrativas (Flick, 2004, p. 111). Essa segunda etapa também teve caráter narrativo, porém foi conduzida com base em um roteiro aberto e flexível, com perguntas específicas para cada participante. As duas entrevistas foram gravadas com o aparelho celular e posteriormente foram transcritas na íntegra, sendo realizada uma revisão gramatical nos trechos de depoimentos citados.

Adotamos, ainda, princípios éticos baseados em Penna (2015, p. 165-172): participação voluntária, não prejudicar os envolvidos, sigilo e anonimato das participantes². Todas as participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) explicando a metodologia, os objetivos e os princípios éticos da pesquisa.

Por fim, analisamos os depoimentos organizando-os em unidades temáticas, entrecruzando e discutindo-os a partir de estudos acadêmicos da área de Música, como apresentado no tópico a seguir.

Com a palavra, as trombonistas

Os depoimentos das entrevistadas evidenciam a existência de estereótipos de gênero no que se refere aos instrumentos musicais. Assim, alguns instrumentos são mencionados como “típicos” para homens, geralmente os maiores ou mais pesados, sendo os mais leves tidos como mais “adequados” para as mulheres.

[...] nos grupos que eu vivo, só tem eu de mulher no trombone. Difícilmente a gente vê. É pouco aqui no [Nordeste], se a gente contar. Tem mais mulher ou homem? Está entendendo? [...] Porque não é normal. É sempre normal ver mulher com saxofone, com clarinetes, com [outros] instrumentos, mas de metal é muito difícil mesmo, muito difícil (P1, E2, 02/05/2024)³.

Na mesma direção, a Participante 2 mostra que alguns instrumentos – como o clarinete, por exemplo –, podem ser preferidos pelas mulheres:

² A indicação entre parêntese refere-se ao número da participante, ao número da entrevista e à data que foi coletada. Além disso, mantemos o itálico nos trechos de depoimentos, de modo a diferenciá-los de citações bibliográficas.

³ A indicação entre parêntese refere-se ao número da participante, ao número da entrevista e à data que foi coletada. Além disso, mantemos o itálico nos trechos de depoimentos, de modo a diferenciá-los de citações bibliográficas.

Como eu já estava meio que já pensando qual instrumento que eu queria, eu via, né? Tinha bastante meninas no clarinete que iam estudar lá na banda, que já eram mais experientes, já tinham pegado o instrumento. Aí elas entravam com clarinete e [isso] me chamou muita atenção, porque além de eu vê-las lá estudando o instrumento, eu via... a banda tocar na rua e o instrumento que só tinha meninas era o clarinete (P2, E1, 22/05/2024).

Na segunda entrevista, esta mesma participante revela que ingressou nos instrumentos de metais, pois, quando iniciou na banda, não havia mais clarinetes disponíveis. Portanto, foi-lhe oferecido o eufônio, instrumento que ela logo associou a uma prática masculina:

*Independente se não tinha o instrumento que eu queria [o clarinete], mas mesmo assim eu queria o instrumento que estava lá. Independente de qual seja. Mas aí eu nunca tinha visto o bombardino [eufônio], eu fiquei muito surpresa. “Eita, esse instrumento!”. Porque nenhuma das meninas tocava esse instrumento. [...] Por isso que eu fiquei bastante assustada. **O instrumento é de menino, é masculino, né?** (P2, E2, 31/05/2024, grifo nosso).*

Como discutido anteriormente, a sociedade relaciona a capacidade da mulher a questões como pouca força física ou características biológicas, e isso pode influenciar a escolha do instrumento musical (Carneiro, 1993, p. 9; Giustina, 2017, p. 43). Este processo acaba definindo, equivocadamente, os papéis sociais no que diz respeito ao gênero (Fontes, 2019, p. 16). Conforme Bourdieu (2012, p. 18) e Martí (1999, p. 30) destacam, a dominação masculina é uma construção social incorporada que acaba definindo as funções de gênero na sociedade. Desta forma, a masculinização de certos instrumentos musicais é uma concepção presente não só entre professores de música, mas também no imaginário das mulheres que desejam tocar.

No caso da Participante 1, seu depoimento mostra que, no seu início com a música, a masculinização do trombone não veio do professor em questão, mas sim de uma concepção social por ela internalizada:

*No dia da minha inscrição, antes da primeira aula, o cara olhou para mim assim, né? Que era um dos professores e fez: “essa menina, tem cara de trombonista”. Aí, eu disse: “Deus me livre!”. Aí quando ele me mostrou, eu disse: “**isso é instrumento de homem!**”. Eu vou fazer isso, por quê? Eu só via homem tocando! (P1, E1, 25/04/2024, grifo nosso).*

Nesta direção, a escolha do instrumento pode ocorrer por influências do professor ou por concepções sociais de gênero (Giustina, 2017, p. 43). No caso das participantes mencionadas, a escolha do instrumento musical pode também ocorrer devida à presença de mulheres em determinados instrumentos vistos socialmente como femininos, por exemplo: saxofone, clarinete, flauta, violino, etc. Isso pode mostrar que as mulheres tendem a escolher instrumentos musicais em que elas percebem uma maior presença feminina. Como exemplificação dessas questões, a Participante 2 relata que, inicialmente, sua preferência era estar junto a outras mulheres:

Assim que eu iniciei lá na banda, foi tudo novo para mim. Eu via aquelas meninas tocando e aquilo me chamava a atenção, por elas também serem meninas, de estarem lá tocando clarinetes, e a maioria delas eram clarinetistas e isso... Isso fez com que me instigasse a isso e eu via também que os meninos eram mais instrumento de metais. Aí, a gente meio que já se sente, como é que eu posso dizer, influenciada. “Aquelas meninas que estão tocando instrumento, então eu vou lá junto delas, para também aprender aquele instrumento e ficar lá junto delas” (P2, E2, 31/05/2024).

Deste modo, tocar um instrumento musical cujo naipe tenha pelo menos uma mulher pode fazer com que outras mulheres se sintam mais confortáveis, acolhidas e estimuladas a permanecer tocando. No caso das participantes desse estudo, permanecer tocando trombone pode ser visto como um ato de resistência perante a masculinização do instrumento. Além disso, tocar trombone é também uma atividade significativa em suas vidas.

Contudo, quando as mulheres ingressam em espaços sociais masculinizados, como o do trombone, ainda pode persistir uma divisão marcada pela diferença de gênero, como exemplifica a Participante 1:

Eu não sei se você acha isso. Mas eu vejo mais assim, homem com homem estudando. Eu estudava mais com as meninas. Então, tem isso mesmo, sabe? De ser separado por gênero. E eu acho isso uma idiotice. [...] Eu cheguei meio que quebrando barreiras aqui (P1, E1, 25/04/2024).

Além da divisão de gênero na prática do trombone, esta mesma participante relata que já presenciou comentários machistas em relação à presença da mulher na música: “A gente precisa acreditar na gente mesmo, eu já vi vários comentários de homens ‘ah, aquela

bicha ali, aquela bicha toca nada'. Mas eu já cheguei assim peitando!' (P1, E2, 02/05/2024).

Conforme Ghisleni e Mota (2020, p. 7-8), as mulheres ainda são vítimas de preconceito, muitas vezes, apenas por serem mulheres.

Como visto anteriormente, o sucesso das mulheres ainda é pouco reconhecido e aceito no campo da música, e isso pode desestimular a permanência na área (Coelho, Silva, Machado, 2017, p. 842; Ghisleni; Mota, 2020, p. 8; Pinto; Amorim; Carvalho, 2016, p. 24). No entanto, a mulher precisa continuar resistindo às pressões sociais que limitam seu fazer musical, não aceitando atitudes e comentários que diminuam as suas capacidades.

Outro aspecto marcante que surgiu nas narrativas foi a questão do assédio. Nesta direção, a Participante 1 aponta que, no meio musical, existem relatos de maestros que assediam mulheres: *Aí, dizem que o maestro é extremamente... ele assedia mesmo as meninas. Só que ninguém chega para falar [...]. Então assim, relatos que sim, existem sim.* (P1, E2, 02/05/2024). Conforme discutido anteriormente, nossa sociedade machista, muitas vezes, não reconhece a importância da mulher, restringindo-a a favores sexuais (Pinto; Amorim; Carvalho, 2016, p. 24). Nesse sentido, as mulheres não podem aceitar tal situação de violência e sexualização de seus corpos, fazendo-se necessário denúncias para que essas situações não sejam normalizadas. Ao fazer uma denúncia, a mulher pode encorajar outras a tomar a mesma atitude, colaborando para a desconstrução da cultura do assédio e do machismo na área de Música.

Deste modo, o assédio pode estar presente no percurso de formação musical das mulheres (Ghisleni; Mota, 2020, p. 2; Pinto; Amorim; Carvalho, 2016, p. 24). Embora a Participante 1 não se identifique como uma pessoa que sofreu assédio, seu relato mostra que isso já ocorreu com outras mulheres que ela conheceu na área de Música. Assim, ela relata uma cena em que uma de suas colegas, também trombonista, foi desrespeitada pelos pares. Diante dos constrangimentos e da chacota, essa trombonista construiu uma forma para se defender dessas situações. Assim, a Participante 1 relata:

Tem uma amiga minha mesma... que ela sofreu pra caramba, velho. E hoje eu vejo que isso reflete muito [...]. Qualquer coisa que você fala [...] Ela tem resposta para tudo. Que é como se fosse tipo... [uma] defesa. Porque ela já sofreu demais. Os caras assediando ela, davam em cima dela. Ela não queria, e aí eles faziam de tudo para derrubar ela. Faziam audição [rindo] dela, sabe? Mas ela, velho. Agora, hoje em dia dá para ver que a defesa

Apesar de a Participante 1 não ter relatado que já sofreu assédio, seu depoimento mostra que outra mulher dentro da área sofreu essa situação. Conforme Giustina (2017, p. 110-111), o assédio pode ser um aspecto que desestimula a prática no instrumento musical. No caso do depoimento da Participante 1, isso mostra uma falta de repressão por parte do professor, dando a entender, aos que ali estavam, que esse tipo de comportamento é aceito naquele ambiente. Isso também pode mostrar um descompromisso do professor perante o assédio e os problemas que podem causar, como a desistência ou mesmo o medo de palco.

Além disso, essa situação pode ser caracterizada como *bullying*. De acordo com Schenini (2010), esse é um fenômeno que ocorre quando um ou mais alunos encontram um alvo vulnerável para caçar, muitas vezes, sem motivos e com uma grande frequência. Apenas por “diversão” do indivíduo ou do grupo e por se sentirem superior aos outros, possuindo grande potencial de provocar muitas consequências diante dos maus-tratos sofridos. Deste modo, o *bullying* pode comprometer o aprendizado de quem sofre este tipo de violência, acarretando dificuldade ao tentar se concentrar no conteúdo e levando até ao abandono dos estudos. Silva (2017, p. 12), por sua vez, ressalta que o *bullying* psicológico ocorre quando um indivíduo passa a perseguir, diminuir, julgar, intimidar, amedrontar (entre outras situações), podendo atingir diretamente a autoestima da vítima. Isso ocasiona, muitas vezes, um sentimento de exclusão e isolamento, pois as vítimas passam a sentir-se mais seguras quando estão sozinhas.

Considerações finais

Os depoimentos das trombonistas entrevistadas mostraram que as mulheres podem sofrer diversas situações problemáticas em seus percursos de formação musical: machismo, assédio, desvalorização, etc. Esse olhar preconceituoso é, muitas vezes, internalizado não só pelas próprias mulheres, mas também na sociedade em que estão inseridas.

Os relatos aqui apresentados não podem ser generalizados, pois partem de experiências pessoais com a música. Como afirma Penna (2021, p. 2), nas pesquisas com narrativas “não buscamos os fatos em si, mas a maneira subjetiva como foram vivenciados por aquele que narra e incorporados à memória de modo significativo”. No entanto, as

narrativas das duas participantes são exemplos concretos de como as questões de gênero perpassam a prática musical e podem marcar os percursos de formação pessoais.

Por fim, consideramos que esta é uma temática essencial para o campo da música, por revelar construções históricas e sociais de gênero que afetam a prática musical. Esperamos que este trabalho incentive reflexões sobre o papel da mulher na música, sobretudo no trombone. Além disso, é necessário que outras pesquisas sejam feitas com mulheres que toquem outros instrumentos de metais: trompete, trompa, eufônio e tuba. Isso pode estimular as discussões e o entendimento das histórias de vida de diferentes mulheres com a música.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, Sueli. *Identidade Feminina*. In: SILVA, Nilza Iraci. *Mulher negra*. São Paulo: Geledés, 1993. p. 9-12.

COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais da Mata. *Mulheres na música: histórias que se cruzam*. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, p. 840-859, 12 dez. 2017.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONTES, Laizime da Silva. *Regência feminina: a inserção da mulher no projeto de bandas marciais escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa*. 2019. 64 f. Monografia (Licenciatura em Música) - UFPB, João Pessoa, 2019.

GHISLENI, Alice de Paula; MOTA, Lúcius Batista. *Desigualdade de gênero no Ensino Superior: análise de narrativas de alunas de graduação em música*. In: NAS NUUVENS... CONGRESSO DE MÚSICA, 6. , 2020, [s.l.] *Anais...* UFMG: 2020, p. 1-15. Disponível em:

<https://musica.ufmg.br/nasnuvens/wp-content/uploads/sites/5/2020/11/2020-GHISLENI-Alice-de-Paula-MOTA-Lucius-Batista.pdf>. Acesso em: 11 out. 2024.

GIUSTINA, Caio Pinheiro Della. *Música e gênero: a divisão sexual dos instrumentos musicais no contexto da Escola de Música de Brasília*. Monografia (Graduação em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LISBOA, Ellen Maria dos Santos. *Música também é lugar de mulher!:* percursos de formação de mulheres trombonistas em uma universidade do nordeste. 2024. 36 f. Monografia (Licenciatura em Música) - UFPB, João Pessoa, 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria quer como políticas de conhecimento. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE HOMOCULTURA, 2., 2004, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: ABEH, 2004.

MARTÍ, Josep. Ser hombre o ser mujer a través de la música: una encuesta a jóvenes de Barcelona. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 11, ed. 5, p. 29-51, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/g4fhpTR7GDnCfrkWYPzmgGj/?lang=es&format=pdf>. Acesso em: 05 nov. 2023.

OLIVEIRA, Ana Carla Menezes de. A evolução da mulher no Brasil do período da colônia a república. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL, 6., 2012, São Cristóvão/ SE. *Anais ...* São Cristóvão: UFS, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10183/29/103.pdf>. Acesso: 10 mar. 2024.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PENNA, Maura. Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 2021, João Pessoa. *Anais [...]*. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/view/831>. Acesso em: 10 set. 2024.

PENNA, Maura; SILVA, Rodrigo Lisboa da. “Conte sobre sua relação com a música”: pesquisando com narrativas (auto)biográficas na Educação Musical. *Per Musi*, Belo Horizonte, v. 26, p. 1-32, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pm/a/ZVM5gNtYJj5xygkdcwfWM6j/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

PINTO, Érica Jaqueline Soares; AMORIM, Valquíria Gila de Amorim; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de Carvalho. Entre discriminação explícita e velada: experiências de alunas de 36 física na educação superior. *Diversidade e Educação*. Rio Grande (RS), v.4, n.8, p. 13- 32, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6737>. Acesso em: 10. Nov. 2023.

SCHENINI, Fátima. Pesquisadora aponta a prevenção como forma de reduzir a violência. *Ministério da Educação*, Brasília, 05 jan. 2010. Seção (se houver). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/14869-pesquisadora-aponta-a-prevencao-como-forma-de-reduzir-a-violencia>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SILVA, Bianca Aparecida Gois. *Bullying: a violência nas escolas de ensino fundamental I educando para a paz*. 2017. 54 p. TCC (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdades Atibaia, Atibaia, 2017.